



Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
**Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**



**Faculdade de Ciências Humanas Licenciatura em História**

**JOÃO PEDRO NANTES CARVALHO**

**A PAISAGEM FÚNEBRE-RELIGIOSA E O PROCESSO DE INTERAÇÃO  
CULTURAL NO IMPÉRIO ROMANO: UM ESTUDO SOBRE AS  
CATACUMBAS ROMANAS DE SÃO CALISTO  
ENTRE OS SÉCULOS II - IV EC**

**18 DE SETEMBRO de 2023  
CAMPO GRANDE/MS**



Serviço Público Federal  
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



**Faculdade de Ciências  
Humanas Licenciatura em  
História**

**JOÃO PEDRO NANTES CARVALHO**

**A PAISAGEM FÚNEBRE-RELIGIOSA E O PROCESSO DE INTERAÇÃO  
CULTURAL NO IMPÉRIO ROMANO: UM ESTUDO SOBRE AS  
CATACUMBAS ROMANAS DE SÃO CALISTO  
ENTRE OS SÉCULOS II - IV EC**

Trabalho de Conclusão de Curso, em forma de Monografia, apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciado no Curso de História da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Professor Orientador: **Dr. Carlos Eduardo da Costa Campos UFMS / FACH**

**18 DE SETEMBRO de 2023  
CAMPO GRANDE/MS**

## **BANCA**

---

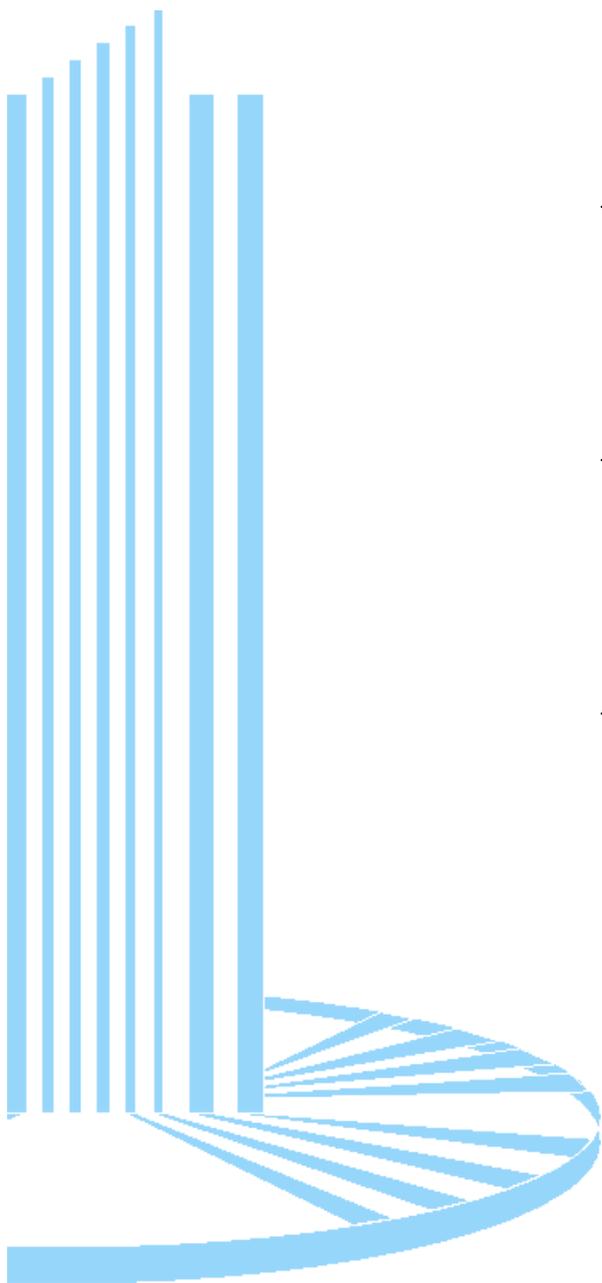
Prof. Dr. Carlos Eduardo da Costa Campos –  
Orientador

---

Prof. Dr. Carlos Batista Prado – Membro Titular  
UFMS

---

Ms. Adriano Fagherazzi – Membro Titular



## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus pela vida e pela oportunidade de realizar essa pesquisa e finalizar minha graduação. Agradeço minha mãe por seu apoio constante e fé incondicional, pois foram cruciais para que eu pudesse chegar até aqui.

Também agradeço ao meu professor e orientador, Carlos Eduardo da Costa Campos que, graças ao seu auxílio e expertise, possibilitou-me desbravar novos horizontes em minha vida acadêmica, sendo de vital valor e importância para a construção, aprofundamento e qualidade de minha pesquisa.

Quero agradecer de igual forma ao Grupo de Pesquisa ATRIVM, que através de suas atividades, eventos e reuniões em grupo, permitiram-me adquirir uma nova perspectiva sobre a Historiografia e enriqueceram minha experiência científica. Por fim, mas não menos importante, também gostaria de gratificar meus professores e amigos que estiveram comigo durante todo esse tempo. Agradeço pelas aulas, por cada experiência trocada, pela paciência e pelo tempo investido em minha formação. Sem a participação de cada um de vocês, esse trabalho não seria o que é hoje.

Este TCC representa o resultado de muito esforço, dedicação e trabalho em equipe. Agradeço sinceramente a todos que contribuíram para o meu crescimento acadêmico e pessoal. Este é apenas o começo de uma jornada contínua de aprendizado e exploração, e estou ansioso para o que o futuro reserva.

## **RESUMO**

### **A PAISAGEM FÚNEBRE-RELIGIOSA E O PROCESSO DE INTERAÇÃO CULTURAL NO IMPÉRIO ROMANO: UM ESTUDO SOBRE AS CATACUMBAS ROMANAS DE SÃO CALISTO ENTRE OS SÉCULOS II - IV EC**

Neste estudo, abordamos a importância da História Antiga para compreender a religiosidade e a cultura material na antiguidade, especificamente por meio da análise das catacumbas romanas, com ênfase na Catacumba de São Calisto, entre os séculos II e IV EC. O objetivo é examinar as interações socioculturais entre judeus, cristãos e politeístas nesses locais. Utilizamos uma abordagem interdisciplinar, combinando História Cultural, Cultura Material e Arqueologia da Paisagem, para analisar artefatos, práticas funerárias e inscrições multilíngues. A metodologia envolveu a análise do debate historiográfico e o diálogo com a Arqueologia. Autores como Bosio e De Rossi são referências na exploração das catacumbas. Esse estudo oferece insights valiosos sobre as relações culturais e religiosas na Roma antiga, contribuindo para uma consciência histórica mais madura e interdisciplinar.

**Palavras-chave:** Catacumbas Romanas; Religiosidade Antiga; Convivência Inter-religiosa.

## **ABSTRACT**

### **THE FUNERARY-RELIGIOUS LANDSCAPE AND THE PROCESS OF CULTURAL INTERACTION IN THE ROMAN EMPIRE: A STUDY OF THE ROMAN CATACOMBS OF SAINT CALLISTUS BETWEEN THE 2ND AND 4TH CENTURIES CE**

In this study, we address the importance of Ancient History to understand religiosity and material culture in antiquity, specifically through the analysis of the Roman catacombs, with an emphasis on the Catacomb of Saint Callixtus, between the 2nd and 4th centuries CE. The objective is to examine the sociocultural interactions between Jews, Christians and polytheists in these places. We use an interdisciplinary approach, combining Cultural History, Material Culture and Landscape Archaeology, to analyze artefacts, funerary practices and multilingual inscriptions. The methodology involved the analysis of the historiographical debate and dialogue with Archeology. Authors such as Bosio and De Rossi are references in the exploration of the catacombs. This study offers valuable insights into cultural and religious relations in ancient Rome, contributing to a more mature and interdisciplinary historical consciousness.

Keywords: Roman Catacombs; Ancient Religiosity; Inter-religious Coexistence.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>1- DIÁLOGOS ENTRE A HISTÓRIA, CULTURA MATERIAL E A ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM.....</b>	<b>5</b>
<b>2- AS CATACUMBAS ROMANAS: UM ESTUDO SOBRE A CATACUMBA DE SÃO CALISTO DO SÉCULO II AO IV A.C.....</b>	<b>13</b>
<b>3- CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>30</b>
<b>4- REFERÊNCIAS .....</b>	<b>32</b>
<b>5- APÊNDICE.....</b>	<b>36</b>

## INTRODUÇÃO

Se a História pode ser entendida como o estudo do homem ao longo do tempo (Bloch, 2001, p. 55) como ignorar a humanidade em seus tempos mais remotos, principalmente em relação à sua religiosidade e à monumentalidade material e cultural que deixou para trás, sem considerar a História Antiga? É por meio de um estudo responsável que se torna possível a produção e a reprodução de um conhecimento cada vez mais embasado, crítico e modelador de uma consciência histórica madura e capaz de intervir social e pedagogicamente na resolução de várias problemáticas.

Dessa forma, para compreender melhor o tema da religiosidade e de que forma o homem a relacionava com diversas expressões materiais e, conseqüentemente, culturais na antiguidade, analisaremos as catacumbas romanas, com ênfase no complexo de São Calisto, localizada na Via Ápia, em Roma, durante o II - IV séculos EC, assim como analisar suas características e as relações ali costuradas.

Afinal, é importante compreender um fato importante: judeus, cristãos e politeístas nem sempre foram antagônicos entre si. Isso é compreendido por meio de um diálogo com a cultura material em uma de suas múltiplas faces: as catacumbas, locais de sepultamento e a convivência no local.

Ao contrário do que geralmente se convencionou, as catacumbas não eram apenas espaços de homenagem e visita aos entes queridos falecidos, mas também eram áreas de intercâmbio cultural e religioso. Apesar de pensamentos muitas vezes opostos, a visão do pós-morte era semelhante e unia as pessoas em um vínculo de paz e identificação, pois todos acreditavam que a morte não era o fim, mas o começo de algo novo e muito esperado. O presente trabalho analisará e problematizará a religiosidade e a monumentalidade das catacumbas romanas, assim como os tecidos sociais que se manifestaram por meio dessas interações.

O objetivo deste estudo é compreender as catacumbas como espaços de interações socioculturais entre cristãos, judeus e politeístas, promovendo o diálogo e o debate sobre como esses locais, congregavam diferentes nichos religiosos. Para alcançar esse propósito, cogitamos reunir e analisar documentos que evidenciem essas relações e sua evolução ao longo do tempo. Além disso, problematizaremos a forma pacífica desses contatos, contrastando com a intolerância presente no mundo contemporâneo, e também

destacar a monumentalidade das catacumbas como parte essencial de nosso estudo.

O quadro teórico deste estudo aborda a interseção entre Cultura Material e Arqueologia da Paisagem. Inicialmente, destaca-se a complexidade da Cultura Material, conforme apontado por Burke, que acentua a necessidade de focar nos métodos de estudo diante da diversidade cultural. A cultura material é definida como a apropriação social do meio físico pelo homem, incluindo artefatos, estruturas, modificações da paisagem e até o corpo humano. Ela é considerada um elemento concreto na produção e reprodução da vida social e pode ser analisada sob a perspectiva de produtos e vetores de relações sociais. A integração entre História e Cultura Material é destacada como essencial para a compreensão do passado, ampliando o espectro documental e contribuindo para o desenvolvimento de competências interdisciplinares. A cultura material também requer uma mudança de pensamento, enfatizando a constituição de séries, contextualização e a análise do significado no sequenciamento da pesquisa.

Por fim, a interdisciplinaridade é considerada fundamental nos estudos da cultura material, pois a História deve fornecer instrumentos para a manipulação de documentos e a análise de vestígios arqueológicos, sociológicos e antropológicos. Isso é relevante não apenas para o avanço do conhecimento histórico, mas também para a formação da consciência histórica e a compreensão das complexas relações entre passado e presente, como preconiza a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A área de Cultura Material, com a qual esta pesquisa dialogou, contribui para que a pesquisa historiográfica seja ainda mais embasada em evidências e cientificamente robusta. A própria BNCC do Ensino Fundamental, por exemplo, endossa que certos processos, como identificar, comparar, contextualizar, interpretar e investigar um objeto, são fatores essenciais para promover o pensamento crítico (BNCC, 2017, p. 398). Portanto, os vestígios materiais promovem uma troca de questionamentos singulares sobre o passado e abrem novas áreas de estudo que analisam relações de poder, tensões sociais e diversos outros conflitos (Garraffoni, 2013).

Para a consecução da pesquisa será feito um levantamento documental e bibliográfico mediante o uso da metodologia de análise do debate historiográfico. Para tanto, urge um diálogo com a Arqueologia, ou seja, com a ciência que estuda, analisa e problematiza a cultura material. Dentre seus muitos expoentes, destaca-se Antonio Bosio (1575-1629),

considerado o “primeiro arqueólogo cristão”, justamente por encontrar e realizar o registro de trinta cemitérios nos subúrbios de Roma em fins do século XVI (Pellistrandi, 1978, p. 22-23). Sua obra, *Roma Sotterranea* (1634) é a primeira referência que desvela a ideia robusta de uma Roma cristã sob a terra, além de sua publicação estar inserida em meio aos atritos entre católicos e protestantes, fortalecendo polêmicas sobre a primazia dos romanos na direção da fé cristã.

Bosio fazia uso do método comparativo, assentado tanto na apuração de toponímias, quanto em fontes arquiteturais, o que acabou sendo a grande novidade destinada a abrir caminho para a metodologia de futuros estudos científicos. Por dois séculos, entretanto, os cemitérios cristãos de Roma foram estudados sob interesses antiquários, direcionados à pura coleta de artefatos e identificação de afrescos. Teria de se esperar até o século XIX para que estudos sistemáticos sobre as catacumbas fossem, enfim, realizados.

Outro autor tido como base é Giovanni Batista De Rossi (1882-1894), o fundador da “arqueologia cristã”. Esteve comissionado para iniciar a verdadeira exploração científica nos cemitérios cristãos de Roma. Suas obras, entre elas os três volumes de *Roma Sotterranea Cristiana* (1864) e *Bulletino di Archaeologia Cristiana* (1864-1894), permanecem como fontes recorrentes e pormenorizadas para o estudo das catacumbas romanas. De Rossi buscou diversas fontes literárias para a exploração das catacumbas, desde itinerários de peregrinos até documentos de cunho eclesiástico. A aplicação dos métodos arqueológicos do período às catacumbas possibilitou a De Rossi descobrir numerosas sessões nos cemitérios, assim como diversos sepulcros de mártires e papas. O que também facilitou foram seus conhecimentos de epigrafia, geologia, hagiografia e história da arte, que possibilitaram uma descrição mais rica de vários aspectos das necrópoles. De Rossi deixou um legado imenso a seus sucessores na *Comissione di Archeologia Sacra*.

No capítulo 1 "Diálogos entre a História Cultural, Cultura Material e a Arqueologia da Paisagem", explora-se a interseção complexa entre esses campos. A arqueologia da paisagem analisa como sociedades passadas moldaram o ambiente ao longo do tempo. A cultura material, por sua vez, oferece insights através de artefatos e objetos deixados para trás. A integração dessas disciplinas busca compreender as relações entre pessoas e ambiente, enriquecendo a narrativa histórica e proporcionando uma visão mais completa do passado.

O capítulo 2 aborda a Catacumba de São Calisto, datando dos séculos II ao IV d.C., como um estudo de caso. Este local arqueológico oferece insights sobre as práticas funerárias e a religiosidade no período romano. A análise de inscrições, artefatos e a estrutura das catacumbas revela aspectos da vida e da crença dos primeiros cristãos em Roma. A pesquisa demonstra como a arqueologia pode contribuir para a compreensão das comunidades e da cultura no mundo antigo, especialmente no contexto funerário e religioso.

Quando combinadas ao ensino de História, essas concepções servem como um modelo de reflexão sobre diferentes espaços, tempos e práticas sociais, contribuindo para a construção de novas formas de ver, agir, conviver e se relacionar no mundo. Essa perspectiva permite uma ampla gama de possibilidades. Em outras palavras, a partir da cultura material e da compreensão precisa dos processos culturais e sociais, dos debates que abrangem desde fronteiras até etnicidades, surgem reflexões sobre memória e identidade, fortalecendo os eixos produtivos (Borges e Campos, 2020, p. 24-25).

# 1 DIÁLOGOS ENTRE A CULTURA MATERIAL E A ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM

## 1.1 O impacto dos estudos sobre cultura material nas pesquisas históricas:

Por cultura material, Prof. Dr. Ulpiano Bezerra de Menezes (1983, p. 112-113) também depreende que seria a compreensão de determinado segmento do meio físico que é, de maneira social, apropriado pelo homem. Por apropriação social, há de se partir da premissa de que o homem não é apenas um interventor, mas um remodelador de elementos do meio físico e material, conforme seus arquétipos de estruturas culturais. Esse comportamento extrapola meras casualidades ou, até mesmo, aleatoriedades. Antes, ele se inclina para a plena apreensão de certos objetivos e projetos. Esse conceito pode abranger tanto artefatos, como estruturas e modificações da paisagem, sem excluir coisas animadas como um animal doméstico, por exemplo, e também o próprio corpo humano, na medida em que ele é alvo de diversos tipos de manipulações que vão desde deformações, mutilações e até sinalizações, podendo abranger ainda os seus arranjos espaciais como um desfile militar, uma cerimônia litúrgica e demais eventos.

As pesquisas históricas se assentam sobre fatos e evidências marcadas pelo seu perfil verossímil e também não verossímil. Os materiais arqueológicos são testemunhas em primeira mão dos acontecimentos históricos e, em muitos casos, se constituem exatamente no que restou desses eventos. Portanto, associar materiais arqueológicos à pesquisa histórica torna-a ainda mais produtiva no desempenho de seu trabalho, fortalecendo seu embasamento científico. Esse impacto promove a inserção de novas frentes de diálogo no campo da historiografia, especialmente no que diz respeito à análise material de construtos físicos e sociais, sejam eles premeditados pelo homem ou não. As impressões e consequências desse tipo de diálogo podem ser descritas e caracterizadas como estímulos e provocações para profundas inovações metodológicas, que culminam no avanço da ciência historiográfica e arqueológica como um todo, fundamentando-se em abordagens interdisciplinares e intersetoriais.

Tudo isso contribui diretamente para a sofisticação do grau de pesquisa e discurso histórico, promovendo o intercâmbio de ciências e saberes que não apenas servem à sociedade como um todo, indo além de um público acadêmico restrito, mas também possibilitam a construção de novos diálogos e um maior conhecimento sobre o homem

ao longo do tempo. Ou seja, fortalece e expande o conhecimento histórico.

Dentro dos eixos temáticos que compõem essa área de estudo, é muito importante detalhar o olhar sobre assuntos religiosos, pois, além de esclarecer, por exemplo, como as catacumbas cristãs no Império Romano congregavam interações socioculturais distintas, mas pacíficas, entre cristãos, judeus e politeístas, também possibilita um debate científico sobre questões atuais, como a intolerância religiosa, permitindo visualizar contrastes entre o cenário atual e o mundo antigo. Por fim, esse empreendimento pode enriquecer a noção de respeito e harmonia, mesmo em meio às diversas expressões religiosas e culturais, contribuindo para uma sociedade mais receptiva às suas múltiplas formas.

Portanto, para realizar um estudo crítico sobre a cultura material, é preciso compreendê-la dentro de um escopo material, físico e concreto de produção e reprodução da vida em suas normas sociais. A partir dessa compreensão, os artefatos que compõem o principal contingente da cultura material precisam ser analisados sob um duplo aspecto, conforme apontam Airan Dos Santos Borges e Carlos Eduardo Da Costa Campos:

Como produtos e como vetores de relações sociais. De um lado, eles são o resultado de certas formas específicas e historicamente determináveis de organização dos homens em sociedade [e este nível de realidade está em grande parte presente, como informação, na própria materialidade do artefato]. De outro lado, eles canalizam e dão condições a que se produzam e efetivem, em certas direções, as relações sociais (Borges e Campos, 2020, p. 26).

Mas afinal, qual a importância de se associar o estudo de História à plena compreensão da Cultura Material? Ora, Borges e Campos apontam que: "Enquanto conhecimento do passado, a História não teria sido possível se este último não tivesse deixado traços, monumentos, suportes da memória coletiva" (Borges e Campos, 2020, p. 25). Os autores também inferem que essa integração não se trata apenas de uma estratégia de divulgação do conhecimento histórico, mas contribui para o desenvolvimento de competências e aptidões que transcendem a acumulação progressiva do conhecimento historiográfico (Borges e Campos, 2020, p. 25).

Marcelo Rede (1996, p. 266) aponta que, para o historiador, essa oportunidade configura-se como uma possibilidade de aproveitamento interdisciplinar. Além disso, serve como um alerta para a necessidade urgente de elaborar estruturas teórico-metodológicas que se unam às propostas epistemológicas presentes, problematizando a cultura material ao longo do tempo e sua atuação heurística na historiografia.

Anteriormente, o historiador estava vinculado a uma escolha que, partindo de vestígios, privilegiava determinados monumentos que, sendo principalmente escritos, eram submetidos à análise histórica e serviam como base sólida para suas investigações. Esse método passou por algumas alterações. Agora, não se trata apenas de selecionar monumentos, mas de conceber os próprios documentos como monumentos, realocando-os em séries e inserindo-os quantitativamente em conjuntos compostos por outros monumentos, como vestígios da cultura material, objetos de coleção, fósseis e especialmente restos ósseos de animais e seres humanos. Reconhecendo que todo documento é ao mesmo tempo, verídico e passível de falsificação, o esforço concentra-se em esboçar as condições de produção e revelar as potencialidades do poder de um documento (Borges e Campos, 2020, p. 26-27).

Essa concepção ampliada de documento é um tema recorrente no discurso historiográfico, tornando-se mais evidente a partir da década de 1960. No campo dos Estudos da Antiguidade, por exemplo, a interdisciplinaridade e a variedade documental são partes fundamentais para a versatilidade do conhecimento desde sua elaboração. Ao estudar a História Antiga, é possível destacar que essa combinação entre a multiplicidade da cultura material e os documentos escritos, além de ser saudável, amplia exponencialmente o conhecimento sobre o mundo antigo. Como ressalta o historiador Marcelo Rede (1996, p. 273): "O conceito de cultura material, apesar de todas as suas possibilidades de aplicação, é um termo polissêmico devido ao uso da conceituação de cultura ou categorização em elementos materiais e imateriais". O historiador também destaca a importância de considerar a constituição da sociedade na qual o

objeto de análise estava inserido. A partir dessa leitura, a cultura material se apresenta como uma perspectiva singular e promissora para os estudos, ao proporcionar uma análise das diversas práticas do cotidiano (Borges e Campos, 2020, p. 26-27).

Além de ampliar o espectro documental, o trabalho com a cultura material também requer um redirecionamento de pensamento que promova a reflexão sobre outros problemas. Nessa fase documental, a cultura material apresenta ainda mais particularidades ao interagir com o historiador (Rede, 1996, p. 277). Em primeiro lugar, o historiador Rede destaca a importância da constituição de séries, em que o artefato adquire sentido no contexto da pesquisa, considerando métodos de articulação, como cronologia, matéria-prima, tratamento de superfície, entre outros. A segunda inferência do autor diz respeito à importância da contextualização, que se situa em uma complexidade inenarrável. É prioritário considerar um contexto original, sempre visando a sucessão de contextos, entrecruzando intelectualmente cada passo dimensional dentro de uma relação diacrônica (Rede, 1996, p. 280).

Não se pode ignorar que a História, como uma disciplina voltada para a compreensão das estruturas e das mudanças sociais, oferece oportunidades significativas para enquadrar corretamente a cultura material na experiência humana. No entanto, por outro lado, não parece estar pronta para fornecer instrumentos que permitam a manipulação documental. A interdisciplinaridade, mais do que um luxo ou uma concessão, é uma necessidade absoluta em um campo ainda pouco consolidado como os estudos da cultura material (Rede, 1996, p. 282).

Diante do exposto, a pesquisa historiográfica associada à cultura material, ou vice-versa, pode auxiliar na busca do conhecimento em diversas fontes interdisciplinares. O exame minucioso e cirúrgico da cultura material local pode despertar questionamentos antes esquecidos nos registros da História. Um processo justo de formação da consciência histórica deve levar em conta a compreensão das diferentes etapas da análise histórica, reconhecendo as especificidades locais ao longo de diferentes tempos e espaços, visando à construção e ao fortalecimento do conhecimento histórico. Isso ajuda a elucidar a inexistência de fronteiras entre estudos historiográficos e investigações arqueológicas, sociológicas e antropológicas (Borges e Campos, 2020, p. 26-27).

Além disso, como Maria de Lourdes M. Janotti (1997, p. 43) apontou, o perigo de relegar o passado público ao esquecimento pode levar à perda da visão dialética da História, enquanto a vontade política conduz à criticidade e à elaboração de projetos futuros. Isso está em consonância com a BNCC, que afirma: "Todo conhecimento sobre o passado é também um

conhecimento do presente elaborado por distintos sujeitos" (BNCC, 2017, p. 397).

## 1.2- História e Arqueologia das Práticas Mortuárias

O estudo da Arqueologia Funerária, a partir da História, pode oferecer diversas e ricas contribuições. Infelizmente, essa área continua em crescimento no campo. No entanto, é exatamente por meio desse diálogo que novos horizontes de pesquisa podem ser propostos, por meio da materialidade deixada pelos vestígios funerários (Peixoto, 2018, p. 232).

A História, por se ocupar excessivamente do mundo das ideias, discursos e conceitos construídos por indivíduos notáveis em seu período, acaba focalizando as representações simbólicas e negligencia a materialidade inerente ao mundo, o palco em que tudo isso se desenrola. Ela desconsidera a substancial contribuição que os objetos, por meio da análise dos vestígios funerários do passado, podem fornecer, assim como as práticas e caminhos possíveis para isso. Vida, alimentação, dores e dificuldades, tudo o que altera significativamente a realidade de seus portadores, constrói um campo de projeções humanas onde as construções socioculturais são operacionalizadas em diversos níveis (Peixoto, 2018, p. 234).

Assim, a Arqueologia Funerária reitera que a vida e o viver, por vezes, deixam traços que sobrevivem à morte, preservados a partir de biografias ósseas de vida ou de associações de artefatos, por exemplo (Sofaer, 2006; Giles, 2012). Ela revela que determinado ritual funerário ou certa disposição de mobiliário funerário não apenas serve para classificar o enquadramento social, mas é a própria arena onde o social é construído: onde ocorrem negociações, tensões são operacionalizadas, hierarquias são reforçadas, afiliações são (re)construídas, a memória é selecionada, laços são rompidos e a riqueza é manipulada (Peixoto, 2018, p. 235).

A Arqueologia Funerária contribui para o trabalho do historiador, ao estudar as práticas mortuárias do passado, fornecendo as ferramentas necessárias para ressignificar a unilateralidade ou a hegemonia de visões sobre o passado, desenvolvendo um olhar crítico. A relação entre cultura material e História tem sido explorada há algumas décadas e, no século XXI, o suporte documental não constitui mais um impedimento historiográfico ao demonstrar interesse pela materialidade dos ritos funerários e seus vestígios arqueológicos (Peixoto, 2018, p. 235).

Portanto, é dever da historiografia contemporânea reconhecer que a diversidade documental é saudável para o historiador (Hartog, 2013, p. 193), ampliar e diversificar o campo

de estudos históricos, para não ficar restrita aos documentos escritos como única forma de estudo do passado (Gruzinski, 2003, p. 7) e os historiadores devem expor as diferenças e contradições entre as fontes disponíveis, a fim de sofisticar a interpretação de determinados fenômenos e adicionar maior complexidade às análises (Funari, 2005, p. 101).

De acordo com Søren Peter Lauritz Sørensen (1991, p. 121), a Arqueologia Funerária deve observar os objetos de estudo a partir do que ele definiu como "fluidez de significado", destacando como grupos ou indivíduos particulares podem negar ou remodelar o significado de certos objetos e interações sociais, ou resistir a eles por meio de apropriações e usos diversos. Em outras palavras, isso implica que os objetos não possuem valores, simbologias ou significados próprios, mas que todos esses são elaborados a partir da prática social em contextos culturais específicos. Portanto, a referida fluidez aponta para as múltiplas possibilidades de ações e reapropriações que podem, por vezes, alinhar-se com outras projeções maiores, mas que, em última instância, nunca devem ser categorizadas de forma genérica (Peixoto, 2018, p. 236).

A Arqueologia Funerária potencializa o estudo do passado. Sua inclusão promove o rompimento com visões idealizadas ou anacrônicas, embora, como em todos os casos, cautela e um olhar crítico devam sempre acompanhar de perto o processo. As tumbas, por exemplo, são "contextos culturais complexos, envolvendo uma multiplicidade de aspectos entrelaçados", como alertam Elaine Escórpio e Maria Dulce Gaspar (2005, p. 62), e seus potenciais de investigação e reflexão são substanciais (Peixoto, 2018, p. 255).

A aproximação com os saberes arqueológicos enriquece o conhecimento sobre os ritos funerários e também explora um conjunto de construções sociais, culturais e religiosas importantes, ocorridas a partir da materialidade e manipulação dos mortos. O estudo de inumações, cremações, enterros, epitáfios, monumentos funerários, artefatos depositados em túmulos, entre outros, está se desenvolvendo cada vez mais. Atualmente, as maiores contribuições para o estudo da morte a partir de sua materialidade surgem de debates iniciados pelo Processualismo e o Pós-Processualismo, principalmente em níveis teóricos e metodológicos, embora análises anteriores, como as formuladas no século XIX, ainda ocupem um lugar merecido de importância, presentes em muitos casos relevantes (Peixoto, 2018, p. 255).

O século XIX testemunhou um aumento significativo de interesse pela morte a partir do reconhecimento de que ela é uma força central a ser considerada, assim como sua relação

fundamental com a religião e os ritos. Talvez a contribuição intelectual mais importante desse período seja justamente a busca pelo entendimento da morte e do pensamento religioso. "A morte foi o primeiro dos mistérios", escreve Fustel de Coulanges (1870, p.19), "ela colocou o homem no caminho de outros mistérios". As contribuições consideradas mais relevantes atualmente para o estudo das materialidades associadas à morte se devem aos debates ocorridos na segunda metade do século XX (Peixoto, 2018, p. 240).

A chamada "Nova Arqueologia" ou Processualismo surgiu nos Estados Unidos, na década de 1960, a partir da aproximação entre a Antropologia e a Arqueologia, adotando um modelo de arqueologia essencialmente antropológico. Seus princípios e conceitos básicos podem ser resumidos da seguinte forma: desenvolvimento de um caráter científico; a arqueologia passa a ser explanatória; análise dos processos culturais; formulação e testagem de hipóteses; adoção da Teoria Geral dos Sistemas para identificar e caracterizar padrões culturais; foco em questões específicas em vez de coletar dados aleatórios em campo; perspectiva ecossistêmica, privilegiando a relação entre cultura e meio ambiente; rigor metodológico em amostragens e uso de testes estatísticos para permitir generalizações (Robrahn-gonzález, 1999, p. 20–21).

Se a Arqueologia Processual teve o mérito de renovar os estudos das sociedades passadas, saindo da arqueologia descritiva tradicional focada no estudo de artefatos e objetos, e passando para uma arqueologia explicativa que investiga mudanças e continuidades culturais, o Pós-Processualismo, surgido em meados dos anos 1980, representou um segundo momento de renovação, abordando o passado a partir de uma perspectiva problematizada (Peixoto, 2018, p. 245).

No entanto, é importante destacar que o Pós-Processualismo não constitui uma única voz ou vertente ideológica, teórica ou metodológica. Pelo contrário, sua riqueza está na diversidade e em uma perspectiva relativista do passado, incorporando influências e contribuições de diversos campos (hermenêutica, fenomenologia, pós-positivismo, filosofia da ciência com base na filosofia antipositivista de Hegel e Kant, teoria do agenciamento, neomarxismo, críticas feministas, estudos arquitetônicos, teoria pós-colonial, entre outros) (Peixoto, 2018, p. 246).

Apesar dessas renovações, existem autores frequentemente descartados por suas visões de mundo, hoje consideradas "datadas". No entanto, a leitura de suas obras ainda é essencial, complementando o entendimento de determinadas configurações físicas quando estas estavam

mais bem preservadas ou visíveis na paisagem, por exemplo. Estudos recentes fornecem um conjunto de dados valiosos, lançando luz sobre aspectos da vida social que, de outra forma, seriam impossíveis de serem contemplados, como a ocorrência de traumas e patologias, associações interpessoais póstumas e relações entre pessoas e objetos com base em marcadores identitários específicos (Peixoto, 2018, p. 255).

A diversidade de materiais produzidos por diferentes sítios significa que diferentes estratégias, recortes temáticos e leituras podem dialogar com base na documentação disponível. Por exemplo, em túmulos onde ocorre a deposição de fauna junto aos mortos, uma abordagem com a zooarqueologia pode ser bastante proveitosa, enriquecendo significativamente a compreensão do contexto analisado. O caráter aglutinador e colaborativo da Arqueologia Funerária, aliado aos avanços científicos recentes e ao aprimoramento de análises laboratoriais físico-químicas (como análises isotópicas, por exemplo), oferece um panorama promissor para o futuro. No entanto, a cautela e o olhar crítico devem estar sempre presentes. Os mortos não podem se enterrar, e a Arqueologia Funerária e a História utilizam essa impossibilidade para enriquecer seus campos de pesquisa compartilhados (Peixoto, 2018, p. 255).

Compreender todos esses elementos é crucial para uma análise e problematização corretas do tema em questão. Somente por meio disso, uma pesquisa séria e comprometida será verdadeiramente possível.

## 2 AS CATACUMBAS ROMANAS: UM ESTUDO SOBRE A CATACUMBA DE SÃO CALISTO DO SÉCULO II AO IV A.C.

### 2.1 - Levantamento historiográfico

A começar pela melhor delimitação do tema, é necessário compreender que nem sempre judeus, cristãos e politeístas foram antagônicos entre si. Entende-se isso a partir de um diálogo com a cultura material em uma de suas múltiplas faces: as catacumbas, locais de enterramento dos mortos, que são uma das maiores provas dessa convivência de teor harmônico. Ao contrário do que comumente se pensa, elas não se configuravam apenas como espaços de homenagens e visitas aos entes queridos já falecidos, mas também se constituíam em zonas de intercâmbio cultural e religioso. Embora com pensamentos opostos, a visão do pós-morte era semelhante, pois todos acreditavam que a morte não era o fim, mas o começo de algo novo. A intolerância religiosa, portanto, não era uma constante naquele período e naquelas configurações específicas.

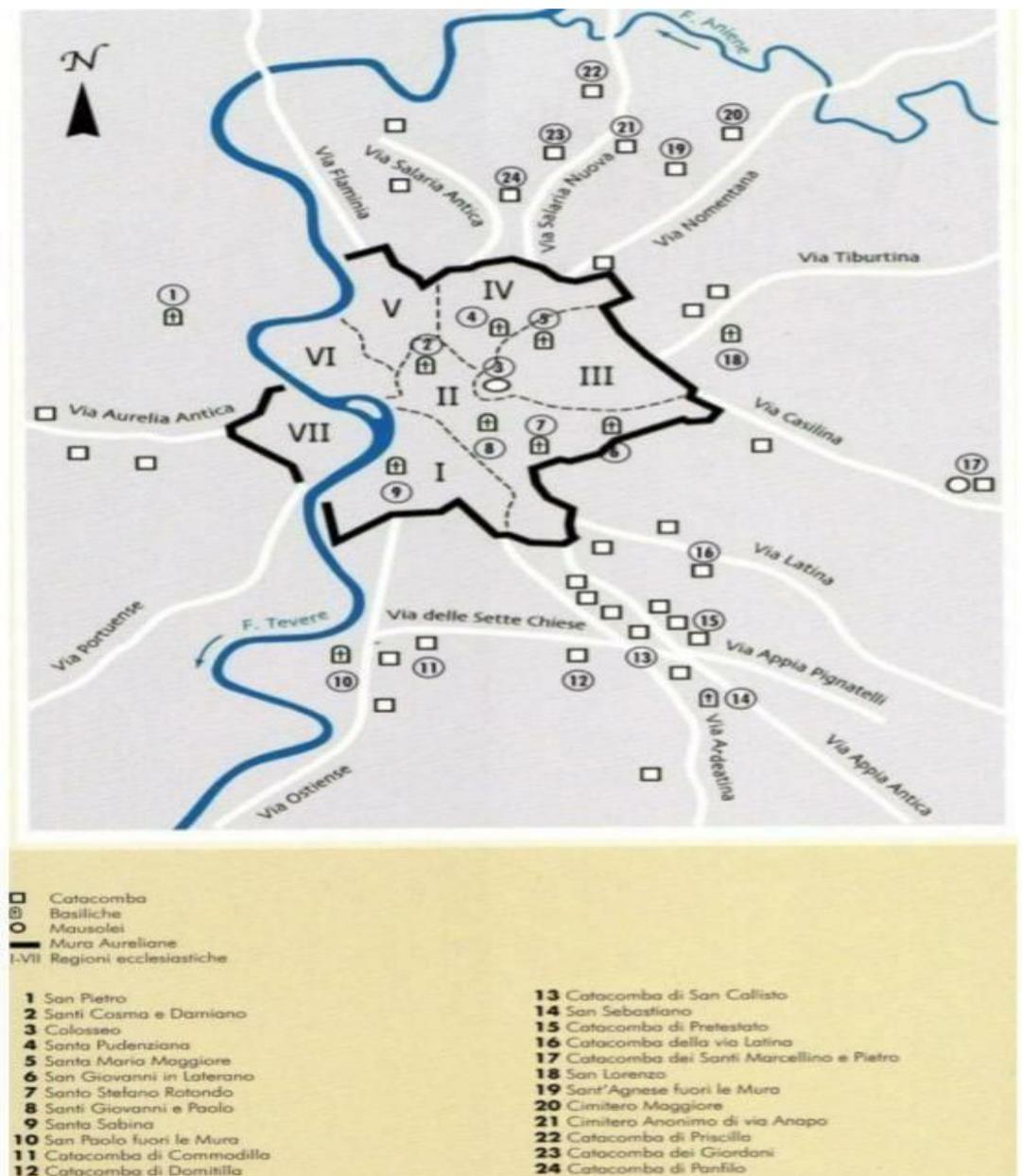
Ainda que cristãos, judeus e politeístas tivessem diferenças em suas matrizes religiosas, também havia fatores que os uniam e os definiam como cidadãos de diferentes opiniões e confissões religiosas. Efeitos, conflitos e atritos contra os cristãos só começaram a partir dos imperadores Nero e Tito, que lideraram uma ferrenha perseguição aos adeptos "Do Caminho" em suas respectivas regiões e localidades. Já a perseguição aos judeus começaria de forma mais intensa após a cristianização de Roma. É necessário também compreender que alguns atos de perseguição contra os cristãos foram restritos a algumas regiões e não ocorreram em massa por todo o território romano.

Conforme defendido por Nicolai, pela terminologia arqueológica, "catacumba" refere-se a um cemitério subterrâneo cristão de grandes dimensões, caracterizado por uma rede elaborada de galerias e cubicula utilizadas intensivamente para enterramentos (Nicolai, 2009, p. 9). O termo deriva do grego "catacumbas", que significa "próximo às covas". Essa denominação era usada na Roma antiga para descrever uma localização na Via Ápia, onde havia covas naturais e amplas cavidades em pedra. Esse espaço funerário tornou-se famoso no início do período medieval e ainda hoje é uma das poucas áreas de sepultamento com possibilidades de acesso e visitas regulares por aqueles em processo de peregrinação (Mapa 1).

É evidente que as catacumbas cristãs tiveram um papel importante na cultura material da época, refletindo as crenças, práticas funerárias e as relações entre diferentes grupos

religiosos. Explorar esses espaços por meio da arqueologia funerária pode fornecer insights valiosos sobre a convivência e os intercâmbios culturais entre judeus, cristãos e politeístas, ajudando a compreender melhor a complexidade das sociedades antigas e superando visões estereotipadas ou simplistas sobre suas relações religiosas (Peixoto, 2018, p. 255).

**Mapa 1 - Disposição das catacumbas em Roma contando com a presença de basílicas cristãs antigas e regiões eclesiásticas.**



Fonte: Fasola, 2012, p.2

Entre os autores que formam o grupo de clássicos sobre o tema, destaca-se Antonio Bosio (1575-1629), considerado o "primeiro arqueólogo cristão", justamente por encontrar e realizar o registro de trinta cemitérios nos subúrbios de Roma no final do século XVI (Pellistrandi, 1978, p. 22-23). Sua obra, *Roma Sotterranea* (1634), é a primeira referência que revela a ideia robusta de uma Roma cristã sob a terra, além de sua publicação estar inserida em meio aos atritos entre católicos e protestantes, fortalecendo polêmicas sobre a primazia dos romanos na direção da fé cristã.

Bosio fazia uso do método comparativo, baseado tanto na apuração de toponímias quanto em fontes arquiteturas, o que acabou sendo a grande novidade destinada a abrir caminho para a metodologia de futuros estudos científicos. Por dois séculos, entretanto, os cemitérios cristãos de Roma foram estudados sob interesses antiquários, direcionados à mera coleta de artefatos e identificação de afrescos. Teria de se esperar até o século XIX para que estudos sistemáticos sobre as catacumbas fossem realizados.

Outro autor considerado fundamental é Giovanni Batista De Rossi (1882-1894), o fundador da "arqueologia cristã". Ele foi comissionado para iniciar a verdadeira exploração científica nos cemitérios cristãos de Roma. Suas obras, incluindo os três volumes de *Roma Sotterranea Cristiana* (1864) e *Bulletino di Archaeologia Cristiana* (1864-1894), continuam sendo fontes recorrentes e detalhadas para o estudo das catacumbas romanas. De Rossi utilizou várias fontes literárias para a exploração das catacumbas, desde itinerários de peregrinos até documentos eclesiásticos. A aplicação dos métodos arqueológicos da época às catacumbas permitiu a De Rossi descobrir numerosas seções nos cemitérios, bem como vários túmulos de mártires e papas. Seus conhecimentos de epigrafia, geologia, hagiografia e história da arte também facilitaram uma descrição mais detalhada de vários aspectos das necrópoles. De Rossi deixou um legado imenso para seus sucessores na *Comissione di Archeologia Sacra*.

É importante ressaltar que a concepção de cemitérios subterrâneos não foi iniciada pelos cristãos. Sua origem remonta à Itália. No Lácio e na Etrúria, por exemplo, as tumbas subterrâneas eram bastante comuns em locais onde o solo tinha a sustentação de uma estrutura sob a terra. Por volta do século II, é possível que o crescimento demográfico de Roma e a disseminação da prática de sepultamento tenham levado à busca por terrenos designados para enterros. É provável que, entre o final do século I e o início do século II, algumas famílias abastadas e associações funerárias tenham se interessado pelo uso desse subsolo como espaço para tais sepultamentos (Nicolai, 2009, p. 16).

O solo da periferia de Roma é composto por rochas vulcânicas, incluindo o tufo litóide, bastante resistente, o tufo arenoso ou pozolana, elementos indispensáveis para a composição de uma espécie de cimento, e o tufo calcário, que pode ser escavado e é muito resiliente. Essas estruturas geológicas contribuem para a criação de galerias subterrâneas com maior facilidade, além de garantir a sustentação adequada. Mesmo após vários séculos de existência desses cemitérios, não há menção de desabamentos nas catacumbas (Pellistrandi, 1978, p. 30; Jeffers, 1995, p. 74-75).

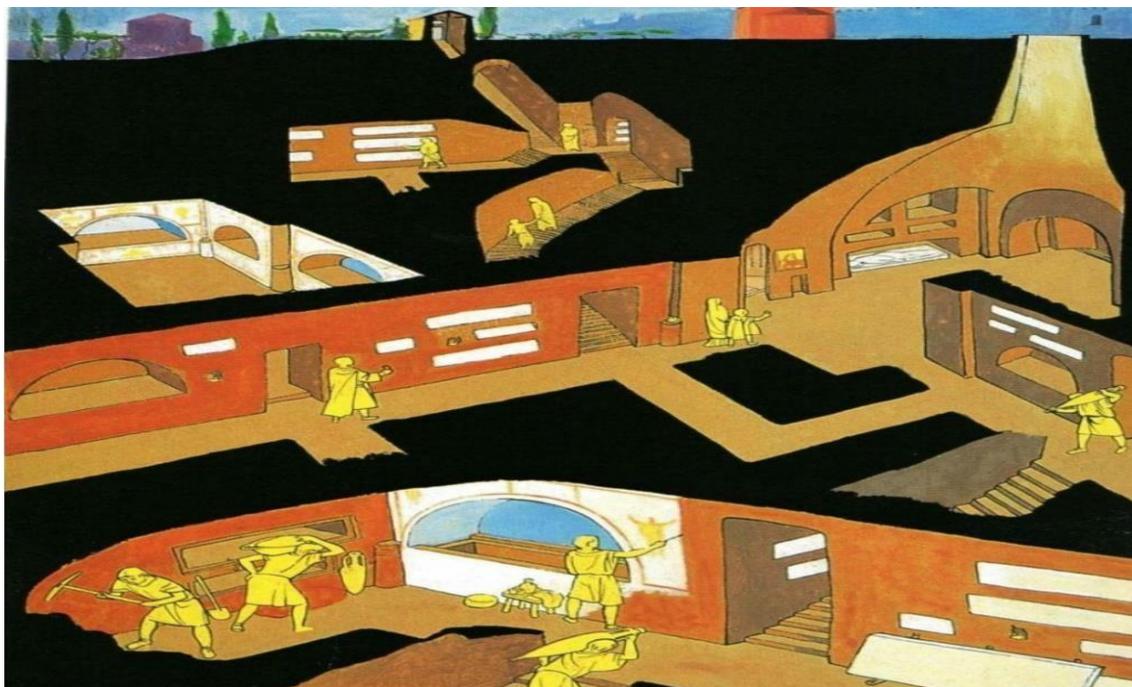
## 2.2. As catacumbas mais estudadas:

Em Roma, a primeira referência a uma área comum de sepultamento cristão é o cemitério de São Calisto. É possível que os cristãos antigos tenham escolhido a prática de sepultamentos subterrâneos em memória ao sepulcro de Cristo, esculpido numa rocha. Além disso, a existência de galerias subterrâneas de sepultamento coletivo poderia refletir uma crença cristã compartilhada sobre a morte e a ressurreição, um tempo de espera pela vida eterna enquanto permanecem em repouso (AA.VV, 2000, p.8). A sepultura é algo considerado necessário para os cristãos, e garantir um enterro digno para o corpo é uma preocupação da Igreja primitiva (Gregori, 2014, p.96).

Segundo Bisconti, somente no século II a comunidade cristã de Roma começou a se dissociar dos sepultamentos em necrópoles e hipogeus pagãos. Nesse período, os sentidos de comunidade e fraternidade se acentuaram e orientaram a ideologia cristã dos primeiros séculos. Esse espírito de "*fratres christiani*" permitia que os cristãos da capital do império buscassem um espaço propriamente "cristão" não apenas para sepultar, mas também para cuidar e cultuar seus mortos (Bisconti, 2010, p. 31-33).

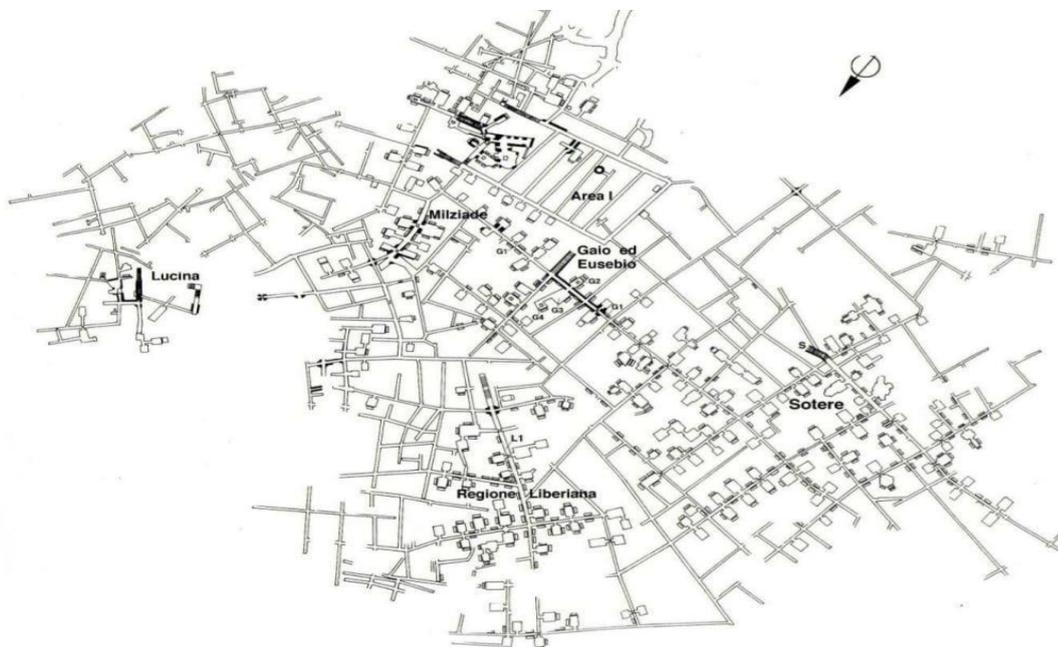
Como já mencionado, a catacumba cristã mais antiga de Roma é a de São Calisto, localizada na antiga Via Ápia. O complexo recebe o nome do diácono Calisto, que, durante o pontificado do Papa Zeferino (199-217), administrava o cemitério e posteriormente foi morto em Roma. Cerca de nove papas do século III estão sepultados na cripta conhecida como "cripta dos Papas". A área mais antiga da catacumba está à direita da Via Ápia, com duas galerias que remontam ao século II. Segundo Finney, as catacumbas de São Calisto foram construídas por uma comunidade cristã, possivelmente um colégio funerário ou uma "*ekklesia*" (Finney, 1994, p. 146). Essa comunidade era composta provavelmente por famílias, homens, mulheres e crianças, e posteriormente passou a ser administrada diretamente pela Igreja de Roma.

**Figura 1 – Visão axonométrica dos múltiplos níveis de uma catacumba. Fossoróes trabalhando e visitantes percorrendo as galerias.**



Fonte: Baruffa, 2006, p.14.

**Figura 2 – Plano geral da Catacumba de São Calisto**



Fonte: Nicolai, 2009, p.32.

As catacumbas do complexo de São Calisto abrigam quase meio milhão de túmulos (Baruffa, 2006, p. 20). Ao longo dos anos, o complexo desenvolveu-se com a conexão de diversas galerias. Algumas delas são a Cripta de Lucina, o cemitério de Calisto, o cemitério de São Soter, o cemitério de São Marcos, Marceliano e Dâmaso, e o cemitério de Balbina. No século XIX, De Rossi realizou uma exploração detalhada do cemitério, identificando inúmeros mártires e papas sepultados ali (Gregori, 2014, p. 100). Outra catacumba importante é a de Priscila, localizada na Via Salária. Ela provavelmente recebeu esse nome devido a uma certa Priscila da família senatorial dos *Acili*, cuja identificação está em uma inscrição no hipogeu dos *Acili*, no primeiro nível do cemitério (Fasola, 2012, p. 52). No primeiro nível, o mais antigo do complexo, encontra-se a famosa "*Capella Grecca*", construída no século III. O nome é derivado das inscrições em grego presentes nas paredes. Também no primeiro nível está o conhecido "Cubículo da *Velatio*", assim chamado devido à figura da mulher orante representada com véu.

No segundo nível da catacumba, que só é acessível subterraneamente, existem duas grandes galerias paralelas que levam a duas amplas salas. O ambiente subterrâneo do segundo nível é construído em alvenaria, originalmente parte de uma vila ou sepultura familiar e posteriormente incorporado à catacumba (AA.VV, 2000, p. 54). No cemitério de Priscila, também estão sepultados inúmeros papas e mártires da Igreja romana, como os irmãos Felix e Felipe, herdeiros de Santa Felicidade, provavelmente mortos durante a perseguição iniciada por Diocleciano em 304 (Gregori, 2014, p. 101).

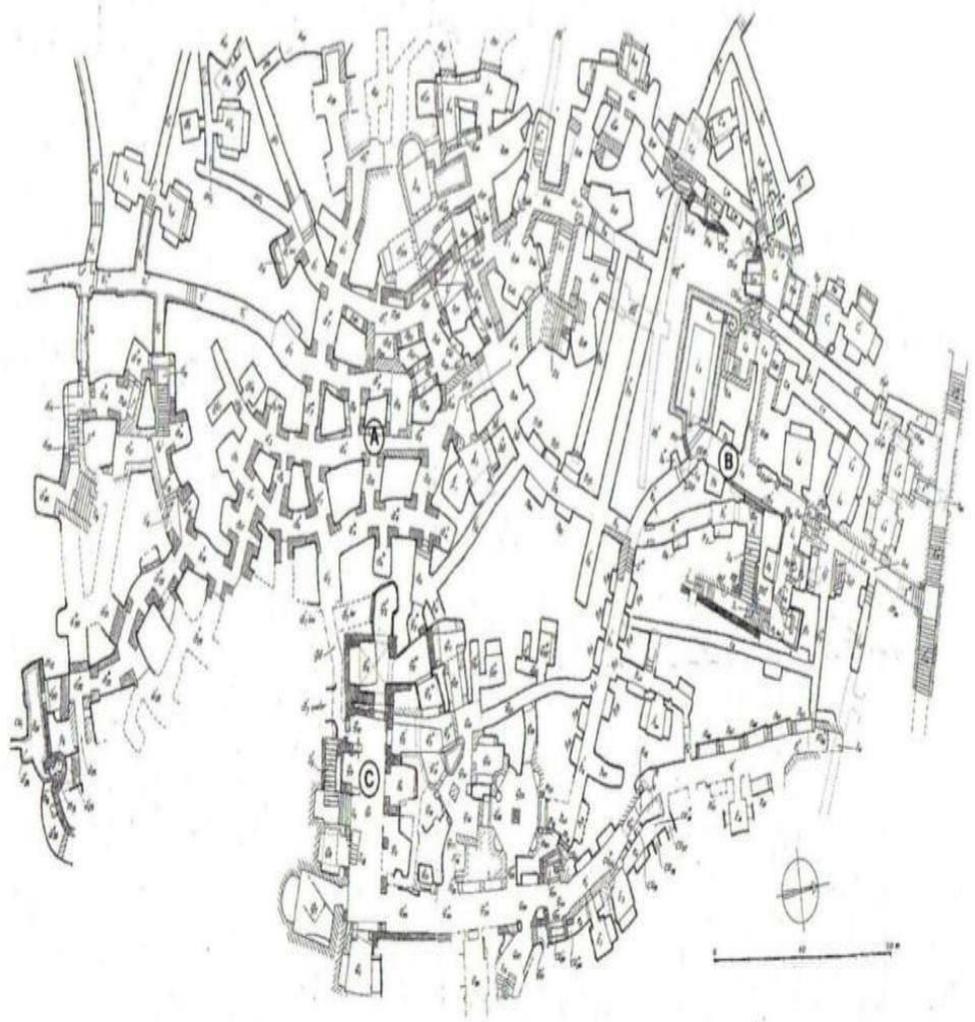
A catacumba de Domitila, localizada na Rua das Sete Igrejas (*Via delle Sette Chiese*), é uma das maiores catacumbas cristãs subterrâneas de Roma, com quase quinze quilômetros de extensão (Figura 3). Seu nome provavelmente faz referência a Flavia Domitila, a proprietária original do terreno onde a catacumba está localizada. O complexo funerário é composto por dois níveis principais e, ocasionalmente, apresenta galerias em um terceiro ou quarto nível subterrâneo. O núcleo original da catacumba pode ter sido o hipogeu pagão dos flavianos, que possivelmente foi escavado e usado no século II por um *collegium*<sup>1</sup> de romanos abastados (Gregori, 2014, p. 101-102).

Gregori pontua:

“No cemitério de Domitilla encontra-se uma basílica subterrânea construída no século IV (Basílica dos mártires São Nereu e Aquileu), porém redescoberta apenas no século XVI. A nave central é iluminada por duas fileiras de largas janelas em arco. O acesso à basílica era constituído por uma escada que como a atual colocava-se lateralmente ao nártex (Fasola, 2012, p. 50). Um sepulcro direto à abside da basílica leva ao arcosolium de Veneranda, decorado por um afresco que representa a

nobre cristã introduzida ao paraíso pela mártir Santa Petronília, também sepultada na catacumba” (Gregori, 2014, p.102).

**Figura 3 – Plano da Catacumba de São Domitila.**



Fonte: Nicolai, 2009, p. 18.

<sup>1</sup> Significa ação de ser colega; confraria, associação, corporação, companheiro no mesmo ofício, colega.

As catacumbas de Roma, como as de São Calisto, Priscila e Domitila, são evidências materiais da complexa história e cultura das comunidades cristãs e politeístas antigas. Esses espaços subterrâneos de sepultamento revelam não apenas a convivência pacífica entre diferentes grupos religiosos, como judeus, cristãos e politeístas, mas também refletem a importância da morte e da vida após a morte na visão de mundo dessas sociedades. Através do trabalho de arqueólogos pioneiros, como Antonio Bosio e Giovanni Batista De Rossi, essas catacumbas foram exploradas e estudadas de forma sistemática, revelando insights valiosos sobre a fé, a cultura e a vida cotidiana dos primeiros cristãos. Hoje, esses locais continuam a fascinar e a convidar para um mergulho no passado, desvendando as histórias por detrás dos túmulos e dos rituais funerários, e ajudando a compreender a riqueza e a diversidade das experiências religiosas no mundo antigo. No presente estudo, o alvo de foco será a catacumba de São Calisto.

### 2.3 Características arqueológicas sobre a catacumba de São Calisto (II ao IV a.C.):

As catacumbas são evidências tangíveis da vida diária dos primeiros cristãos e de outros grupos que habitavam Roma. A presença desses cemitérios subterrâneos nos arredores da cidade não apenas confirma a existência de uma comunidade cristã em expansão durante a Antiguidade Tardia, mas também revela sua expressão versátil. Esses locais guardam as mais antigas referências da "primeira arte cristã", que emergiu em um contexto funerário e irradiava a esperança de uma vida após a morte. A prática de enterrar seus mortos em câmaras subterrâneas não era exclusiva dos cristãos do período inicial. As estradas públicas que ligavam Roma ao restante do Império apresentavam inúmeros monumentos funerários, necrópoles e hipogeus (cemitérios subterrâneos pagãos, embora em dimensões mais modestas em comparação com as catacumbas), indicando que os cultos pagãos também realizavam sepultamentos no subsolo (Gregori, 2014, p.103-104).

Segundo Gregori (2014, p.97), um arqueólogo e pesquisador contemporâneo com o qual este trabalho também estabelece uma relação dialética, as catacumbas foram escavadas pelos "*fossores*", um grupo especializado de trabalhadores em escavação (do latim "*fodere*", escavar). Realizar esse trabalho com ferramentas rudimentares sob luzes limitadas era um processo lento e exaustivo. É possível que os próprios "*fossores*" tenham sido responsáveis pela criação dos murais e até das inscrições (Baruffa, 2006, p.42). Em grandes complexos de cemitérios, a escavação pode levar séculos, pois, na maioria dos

casos, as catacumbas são formadas a partir de estruturas funerárias já escavadas, que posteriormente são conectadas por caminhos subterrâneos e escadas. São quilômetros de túneis e galerias subterrâneas, iluminadas ocasionalmente por pequenas aberturas no teto. De acordo com Bisconti (2010, p.37):

“Quem percorre as galerias das catacumbas romanas, admira a ingênua decoração pictórica, os suntuosos relevos dos sarcófagos, brilhantes peças de mosaicos, a ousada arquitetura escavada no tuffo; se emociona com os epitáfios, ora simples, ora mais complexos e essenciais até serem reduzidos a um único elemento onomástico, oscilando entre uma humana e nostálgica lembrança da pessoa querida é uma inatacável esperança na vida além-túmulo, a qual consola amigos e parentes (...).

Devido aos diferentes andares e corredores, as catacumbas podem se estender por vários quilômetros. Cada nível tem uma profundidade de três a oito metros. Por exemplo, na catacumba de São Calisto, o comprimento de suas galerias e corredores é de aproximadamente 30 metros (Baruffa, 2006, p.45). Nas paredes e intrincadas galerias desses corredores, encontramos uma longa fileira de sepulturas conhecidas como lóculos - uma espécie de tumba retangular que geralmente abriga apenas uma pessoa falecida (embora algumas catacumbas contenham dois ou três corpos na mesma trajetória). Os corpos eram colocados nessas sepulturas envoltos em lençóis ou mortalhas e acompanhados de perfumes em pequenos recipientes.

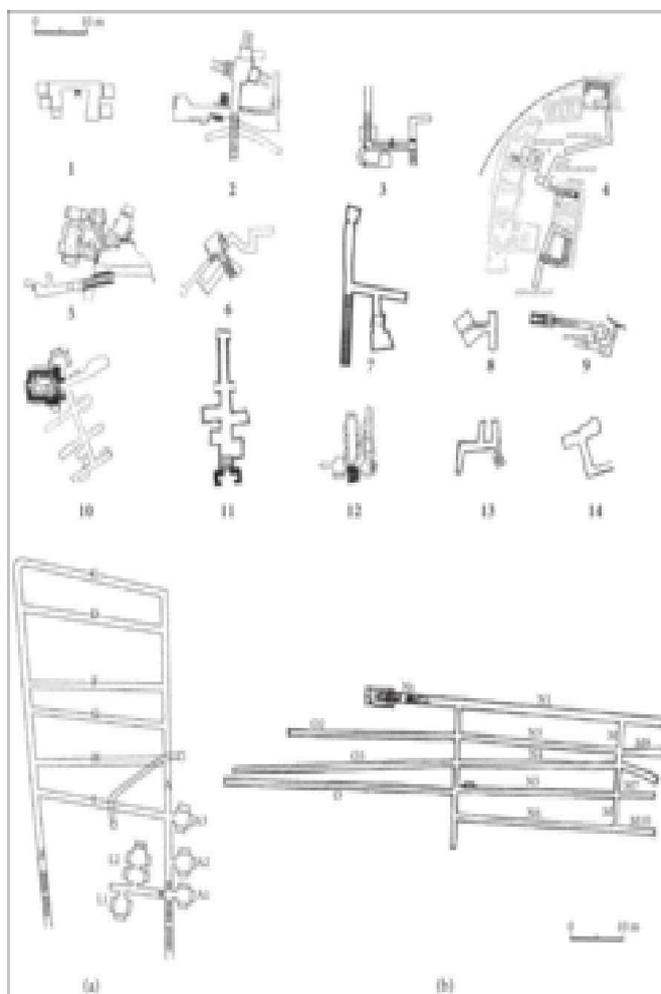
Após o enterro, a câmara funerária era fechada com telhas, tijolos ou pequenas lajes de mármore, e fixada com blocos de cimento chamados pozolanas. Pequenas lâmpadas de terracota eram colocadas ao lado do *cubiculum*. Ao longo do corredor, é possível encontrar pequenas câmaras funerárias. Essas salas quadrangulares ou poligonais abrigam um tipo de túmulo chamado forma, que consiste em uma escavação no solo cercada por lajes de mármore ou telhas. Frequentemente, os tetos desses compartimentos são decorados com afrescos.

Outra forma de túmulo encontrada nas catacumbas é o arcossólio, um túmulo luxuoso com um arco no topo. Os arcossólios geralmente abrigam sarcófagos de pessoas importantes, inclusive de famílias inteiras. Muitos deles são decorados com pinturas e mosaicos. Essa forma de túmulo se tornou bastante comum nas catacumbas ao longo do século IV. Ainda podemos encontrar criptas em algumas catacumbas, que são grandes salas com dezenas de túmulos. Essas criptas são organizadas com elementos arquitetônicos, como colunas, mosaicos e afrescos. Possivelmente, as criptas abrigavam os corpos de santos, mártires, bispos e figuras proeminentes na hierarquia da Igreja

Romana.

Após essa contextualização e breve descrição desses espaços fúnebres, que serviam como locais de sepultamento de mártires e pessoas comuns, bem como lugares de culto e lembrança dos entes queridos falecidos, além de promover a interação social e a convivência inter-religiosa, a análise se concentrará na catacumba mais antiga e talvez mais conhecida de toda Roma e da era cristã: a Catacumba de São Calisto.

**Figura 4** - Plano na mesma escala do original centro das catacumbas de San Callisto (Área 1) (a) e Novaciano (b); e da família hypogea de: Ampliatus (1), Roma Vecchia (2), Santa Croce (3), Lucina (4, 7, 9), San Sebastiano (5), a Torretta (6, 8, 13, 14), a villa de Maxêncio (10), os Flavi (11), Anzio (12).

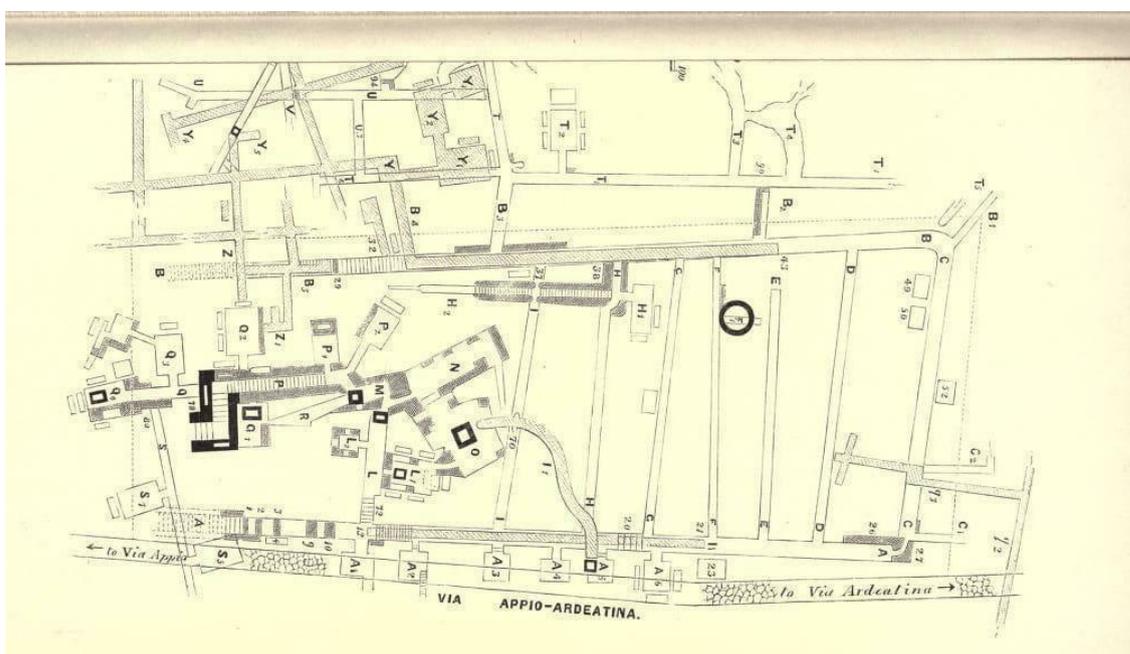


Fonte: Nicolai, 2001.

Como já foi bem elucidado, a catacumba cristã mais antiga de Roma é a de São Calisto, localizada na Via Ápia Antiga. O complexo recebe o nome do diácono Calisto, que, no pontificado do Papa Zeferino (199 – 217), administrava o cemitério e posteriormente foi morto em Roma. Cerca de nove pontífices do século III encontram-se

sepultados na cripta que os acolhe, denominada “cripta dos Papas”. A zona mais antiga da catacumba está à direita da Via Ápia, com duas galerias referentes ao século II. Segundo Finney, as catacumbas de São Calisto foram construídas por uma comunidade cristã, possivelmente um colégio funerário ou uma *ekklesia* (Finney, 1994, p. 146). Uma comunidade formada provavelmente por famílias, homens, mulheres e crianças, e posteriormente passou para a administração direta da Igreja de Roma.

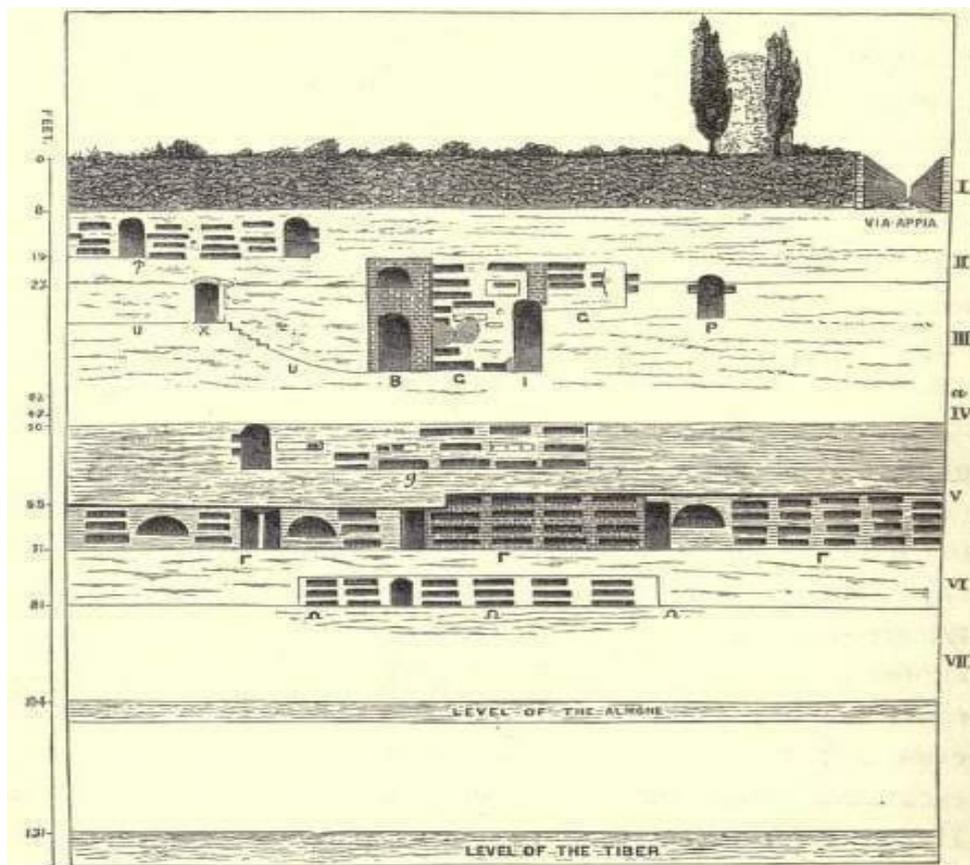
**Figura 5** - Via Ápio-Ardeatina (localidade da Catacumba de São Calisto).



Fonte: Rossi, 1864, p. 409.

As tumbas do complexo de Calisto chegam a quase meio milhão (Baruffa, 2006, p. 20). A catacumba desenvolveu-se por meio de diversas galerias unidas ao longo dos anos. Algumas delas são: a Cripta de Lucina, o cemitério de Calisto, o cemitério de São Soter, o cemitério de São Marcos, Marceliano e Dâmaso, e o cemitério de Balbina. A exploração intensiva do cemitério foi iniciada por De Rossi no século XIX, que localizou e identificou inúmeros mártires e papas ali sepultados (Gregori, 2014, p. 100).

**Figura 6** - Sessão do Cemitério de São Calisto.



Fonte: Rossi, 1864, p. 336.

As câmaras politeístas revestiam-se de iconografia funerária e possuíam sarcófagos, assim como eram alvos de recorrentes visitas dos vivos para os rituais funerários. O pensamento pagão não deixa vestígios da existência de qualquer dogma no que tange à ressurreição dos corpos e, portanto, é possível inferir que na Roma imperial cremação e inumação coexistissem concomitantemente, às vezes, no mausoléu (Pergola, 2002, p. 3). As catacumbas cristãs são paulatinamente deixadas de lado como espaço para sepultamento durante os séculos V e VI. Acabam por transformar-se em áreas utilizadas unicamente para atos devocionais nos túmulos dos mártires que continham (Gregori, 2014, p.104).

#### 2.4 Interações culturais na Catacumba de São Calisto

Durante a antiguidade, o convívio entre cristãos, judeus e politeístas era comum em diversas partes do mundo. Na Roma antiga, por exemplo, as catacumbas de São Calisto, um importante cemitério cristão, eram utilizadas por diferentes grupos religioso para enterrar seus mortos. Embora as crenças e práticas desses grupos fossem diferentes, eles compartilhavam espaços físicos e, por vezes, até mesmo rituais funerários semelhantes.

Os cristãos, por exemplo, acreditavam na ressurreição dos mortos e na vida eterna, e por isso enterravam seus mortos em túmulos individuais nas catacumbas. Os politeístas, por sua vez, acreditavam em uma vida após a morte, mas não necessariamente em uma ressurreição física. Frequentemente, eles utilizavam a cremação para seus mortos e depositavam as cinzas em urnas ou túmulos coletivos.

Apesar dessas diferenças, os cristãos, judeus e politeístas muitas vezes compartilhavam espaços nas catacumbas, e seus túmulos eram frequentemente decorados com símbolos e imagens que refletiam suas crenças. Alguns túmulos cristãos, por exemplo, apresentavam imagens de pássaros, simbolizando a ressurreição, enquanto os túmulos pagãos frequentemente apresentavam imagens de deuses e deusas.

**Figura 7** - *Cubiculum* de Orfeu (L2). Catacumbas de São Calisto, Roma.



Fonte: David K. Pettegrew; William R. Caraher; Thomas W. Davis (2019, p. 234)

Na catacumba de São Calisto, foram encontradas imagens que combinam elementos cristãos, judaicos e pagãos, evidenciando uma iconografia mista. Algumas tumbas apresentam imagens de cenas bíblicas e a presença de símbolos cristãos e judaicos, como o peixe, a *menorá* e o *shofar*. No entanto, também incluem símbolos politeístas, como o sol e a lua, além de representações de cenas mitológicas e deuses. Isso indica uma possível influência e assimilação de elementos politeístas pela comunidade cristã local, sugerindo uma interação religiosa e uma coexistência tolerante entre as diferentes comunidades, em alguns momentos históricos.

Também foram encontrados, em alguns casos, sepultamentos mistos na catacumba de São Calisto, onde membros de diferentes religiões foram enterrados juntos. Isso sugere que as diferentes comunidades religiosas coexistiam e se respeitavam mutuamente. Somados a esses fatores, também foram encontradas inscrições em hebraico e grego na catacumba de São Calisto, sugerindo a presença de comunidades judaicas e pagãs na área. A existência de inscrições cristãs em latim nas tumbas, que indicam a adoção da língua romana, evidenciam a comunicação e integração social entre as diferentes comunidades presentes na região.

**Figura 8** - *Cubiculum* e representação de *Tellus*. Hipogeu da Via Dino Compagni.



Fonte: David K. Pettegrew; William R. Caraher; Thomas W. Davis (2019, p. 240).

**Figura 9 - Jonas e o grande peixe.**



Fonte: Spier, 2007, cat: 3B.

Concorrendo com a ideia até aqui debatida, segue-se o Afresco “Jonas e o grande peixe”, igualmente presente nas Catacumbas de São Calisto, em Roma, de meados do séc. III. A cena se passa em três quadros, da direita para a esquerda, onde o profeta Jonas é lançado ao mar, enquanto um animal marinho com chifres e grandes garras o espera; em seguida é vomitado da boca do animal descansando, por fim, em uma pérgola à sombra de uma planta. Suas dimensões contemplam 15.1 x 25.4 cm. A história do profeta Jonas é um símbolo caro tanto para os judeus, tendo em vista que compõe parte de sua história, quanto para aos cristãos, tendo em vista que também foi usada por Jesus como alusão ao milagre de sua futura ressurreição.

**Figura 10** - As inscrições na base da estela.



Fonte: Jensen, 2011, p. 260.

Corroborando também o exposto, apresenta-se uma estela com as respectivas inscrições em sua base: “*LICINIAE AMIATI BENE MERENTI VIXIT*”, que se traduzem em “para Licinia Amia, digna de mérito, que viveu”. Atualmente, essa mesma placa funerária faz parte do acervo do Museo Nazionale, em Roma, de dimensões 30.3 x 33.5 cm.

A ausência de imagens de mártires fortalece a ideia de que, diferentemente de outras catacumbas cristãs, a de São Calisto também era usada por outras comunidades religiosas. Além disso, a presença de túmulos cristãos, judeus e pagãos próximos uns dos outros sugere que havia um respeito pela crença do outro, e talvez até mesmo uma influência mútua.

É importante ressaltar que a relação entre esses grupos nem sempre foi pacífica. Os cristãos muitas vezes eram vistos com desconfiança pelas autoridades romanas, que temiam que sua fé pudesse abalar a estabilidade social e política do Império, criando uma tensão com os pagãos e judeus que apoiavam o império. No entanto, a convivência inter-

religiosa na catacumba de São Calisto mostra que, apesar das diferenças, era possível para esses grupos viverem juntos.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, fica evidente a conclusão incontestável de que o estudo da História Antiga tem a capacidade de impactar o presente. A habilidade de questionar e problematizar o passado é a missão primordial do pesquisador, que se aventura tanto nas linhas do que foi escrito quanto nos vestígios materiais deixados.

A importância da Cultura Material e seu papel na historiografia assume uma posição de diálogo sem a qual seria impossível traçar e compreender os elementos relevantes para a construção do conhecimento atual, fortalecendo cada vez mais a interdisciplinaridade como uma abordagem completa da pesquisa científica. No caso das Catacumbas Romanas, a Arqueologia Funerária contribuiu para a análise, investigação e debate processual, permitindo avaliar as relações socioculturais que se desenvolveram ali e o que restou de sua materialidade.

É evidente que, com base no que foi levantado, a intolerância não era uma constante máxima nas estruturas das antigas relações religiosas e interações culturais que ocorriam nas Catacumbas Romanas. Além de demonstrar a complexidade de sua organização interna e de seus elementos externos, as Catacumbas Romanas são evidências claras de que a tolerância às diferenças podem coexistir entre visões religiosas distintas e seus respectivos adeptos. Portanto, é inegável a contribuição que o seu estudo proporciona, especialmente considerando os altos índices de violência e intolerância religiosa nos dias atuais.

Ao analisar especificamente a Catacumba de São Calisto, judeus, cristãos e politeístas foram tomados como exemplos de como visões de mundo que, embora pormenorizadamente opostas entre si, podem, ainda sim, compartilhar interações marcadas pela tolerância ao prestarem seus cultos e rituais de honra aos mortos. Foi observado que, apesar das diferenças, a crença compartilhada de que a morte não era o fim permitia com que eles se reunissem de maneira a respeitar uns aos outros.

Fato é que, apesar de todas as ambiguidades e animosidades não estarem extintas sob a égide do Império Romano, cristãos, judeus e politeístas comprovaram a possibilidade de coexistência tolerante a partir de uma visão de pós-mundo compartilhada e marcada por similaridades. Mesmo não sendo um cenário marcado pela uníssona harmonia entre todas as partes, ainda que não um lugar caracterizado pela homogeneidade de crença e

unidade do pensamento religioso, as Catacumbas de São Calisto abrigaram em seu subterrâneo aquilo que hoje pode servir de exemplo para as relações do presente: não é preciso concordar para conviver bem, pois respeitar já é o suficiente.

As múltiplas interações, sejam elas nos aspectos arquiteturais, imagéticos, artísticos e/ou esculturais demonstraram exatamente essa hipótese. Ainda que a falta de plena harmonia entre as diversas religiões na superfície de Roma também reverberasse embaixo dela, ressoando por entre os incontáveis corredores que caracterizavam as Catacumbas, nada disso era impeditivo para a consecução de relações inter-religiosas específicas. Por fim, mas não menos importante, a tolerância enquanto cada grupo realizava seus respectivos rituais e enterrava seus respectivos entes-queridos é o prisma sob o qual o objetivo principal desse trabalho se assenta. Quando há tolerância, ainda que existam profundas e marcantes diferenças entre pessoas de determinado grupo, uma boa convivência é capaz de imperar e um futuro de maior respeito acaba se tornando capaz de numa realidade se configurar.

O estudo da História Antiga, portanto, demonstra que houve uma diversidade de interações socioculturais nos espaços fúnebres. Logo, através do estudo historiográfico e que podemos compreender espaços de identidade e alteridade nas sociedades, ao conhecer e reconhecer seu passado. Isso significa refletir sobre relações marcadas pela tolerância nas mais distintas esferas religiosas e/ou nas mais diversas expressões culturais.

#### 4 REFERÊNCIAS

- AA.VV. “Le Catacombe. Gli albori della nuova civiltà”. Napoli: Elio de Rosa. (ROMArcheologica. Guida alle antichità della città eterna. Itinerario 10, 2000.
- BARUFFA, A. The Catacombs of St. Callixtus – History, Archaeology, Fatih. 3rd. English Translation. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2006.
- AVELINO, F. Almeida. Imagens funerárias cristãs: mídias de identidade religiosa e memória cultural na Roma Tardia (séc. III-IV) / Francimagda Almeida Avelino, 2019.
- BINFORD, Lewis. Archaeology as Anthropology. *American Antiquity*. Washington, v. 28, n. 2, p. 217–25, 1962.
- BISCONTI, F. “Les images des chretiens dans les catacombes romaines”. In: *Dossiers d’Archéologie*, n° 278 – Novembre, p. 30-43, 2002.
- BORGES, Airan Dos Santos; CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. Ensino de História Antiga e as Potencialidades da Cultura Material: Experiências e Reflexões. In: BUENO, André; CAMPOS, Carlos Eduardo; BORGES, Airan (org.) *Ensino de História Antiga*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Sobre Ontens/UFMS, 2020.
- BURCKHARDT, Jacob. *The Greeks and Greek Civilization*. Oswyn Murray (org), p.5, 1998.
- BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Tradução: Sérgio Goes de Paula - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.
- BLOCH, Marc. A história, os homens e o tempo. In: *Apologia da História ou O ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, p. 51-68, 2001.
- BRASIL, MEC. BNCC – Base Nacional Curricular Comum. Brasília: SEE, 2017. Disponível em: Acesso em: 08 abril. 2020.
- BROWN, P. *The World of Late Antiquity: AD 150-750*. W. W. Norton & Company, 1981.
- CAMERON, A. *The Mediterranean World in Late Antiquity AD 395-700*. Routledge, 2011.
- CHARTIER, Roger. *Cultural History*; BURKE, Peter, *Popular Culture in Early Modern Europe*, 1987, ed. revista, Aldershort, 1993;
- PETTEGREW, David K; CARAHER, William R; DAVIS, Thomas W. *The Oxford Handbook of Early Christian Archaeology*. Oxford University Press, 2019.

- ESCÓRPIO, Elaine; GASPAR, Maria Dulce. Indicadores de diferenciação social e de gênero dos pescadores-coletores que ocuparam a Reigão dos Lagos - RJ. Cadernos do LEPARQ, v. II, 3, p. 47-65, 2005.
- ESLER, P. F. The Early Christian World. Routledge, 2013.
- FASOLA, U; MANCINELLI, F. Guide des Catacombes de Rome. Trad. Théréère Tucciarelli. Firenze: Scala, 2007.
- FINNEY, P. C. The Invisible God: The Earliest Christians on Art. New York: Oxford University Press, 1994.
- FUNARI, Pedro Paulo. Os historiadores e a cultura material. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, p. 81-109, 2005.
- FUSTEL DE COULANGES, Numa Denis. La cité antique: Étude sur le culte, le droit, les institutions de la Grèce et de Rome. Paris: L. Hachette et. cie, p. 496, 1870.
- GARRAFONI, R. 'Arqueologia Clássica no Brasil: relato de uma experiência'. In. GIACOMONI, M. P. & PEREIRA, N. M. Jogos e Ensino de História. Porto Alegre: Evangraf, 2013.
- GILES, Melanie. A forged glamour: landscape, identity and material culture in the Iron Age. Bollington: Windgather, p. 224, 2012.
- GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, p. 288, 1990.
- GRABAR, A. Le Premier Art Chrétien (200-395). Paris: Gallimard, 1966.
- GREGORI, Alessandro Mortaio. Comunicação Visual na Antiguidade Cristã: A construção de um discurso imagético cristão do Ante Pacem Tempora Christiana (s.III ao IV). Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade São Paulo. São Paulo, 2014, p. 93-104.
- GRILLO, J. G. C; FUNARI, P. P; CARVALHO, A. V. [Orgs.] Os caminhos da Arqueologia Clássica no Brasil. São Paulo: Annablume, 2013.
- HODDER, Ian (Ed.). Symbolic and Structural Archaeology. Cambridge: Cambridge University Press, p. 200, 1982.
- HODDER, Ian. Postprocessual Archaeology. In: SCHIFFER, Michael Brian. (Ed.). Advances in Archaeological Method and Theory. New York: Academic Press, p. 1-26, 1985.

HODDER, Ian. Postprocessual archaeology and the current debate. In: PREUCEL, Robert. (Ed.). *Processual and Post processual archaeologies: multiple ways of knowing the past*. Carbondale: Southern Illinois University Press, p. 30-41, 1991.

JANOTTI, M. L. M. 'História, política e ensino de História' In. BITTENCOURT, C. [Org.] *O saber Histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2015 [1ª Ed. 1997], p. 42 - 53.

JEFFERS, J. S. *Conflito em Roma – Ordem social e hierarquia no cristianismo primitivo*. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

JENSEN, R. *Living water: images, symbols, and settings of early Christian baptism*. Boston: Leiden, 2011.

KRAUTHEIMER, R. *Rome: Profile of a City, 312-1308*. Princeton University Press, 1986.

MENEZES, U. B. 'A cultura material no estudo das sociedades antigas'. *Revista de História* n. 115; USP, 1983, p.103-117. NETO, J. A. F. 'A transversalidade e a renovação no ensino de História'. In.: KARNAL, L. [Org.] *História na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2015 [1º Ed. 2003], p. 57 – 74.

NICOLAI, V. F. *Strutture funerarie ed edifici di culto paleocristiani di Roma dal IV al VI secolo*. Vatican City: Istituto Grafico Editoriale Romano, 2001.

NICOLAI, V. F. "The Origin and Development of Roman Catacombs". In: *The Christian Catacombs Of Rome: History, Decoration, Inscriptions* (NICOLAI, V.F.; BISCONTI, F. et MAZZOLENI, D.) Regensburg: Schnell & Steiner, 2009.

PEIXOTO, Pedro Vieira da Silva. *Por uma arqueologia dos vestígios funerários do passado: Contribuições, práticas e caminhos possíveis*. Programa de Pós Graduação em História Comparada. Instituto de História. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, v.3, n.6, p. 232-262, jul./dez. 2018.

PELLISTRANDI, S. *O Cristianismo Primitivo*. Coleção Grandes Civilizações Desaparecidas. Rio de Janeiro: Círculo do Livro/Otto Pierre Editores, 1978.

PERGOLLA, P. *Catacombes Romaines*. In: *Dossiers d'Archéologie*, n° 278 – Novembre, p. 6-19, 2002.

REDE, Marcelo. *História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material*. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N.Sér.v.4, jan./dez. 1996, p. 273-282.

- ROBRAHN-GONZÁLEZ, Erika Marion. Arqueologia em Perspectiva: 150 anos de prática e reflexão no estudo de nosso passado. *Revista USP*. São Paulo, v. 44, p. 9–31, 1999.
- ROSSI, Giovanni Batista. *Roma Sotterranea Cristiana*. Library St. Mary's College, 1864. SAID, Edward W. *Orientalismo: O Oriente como uma invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia de Letras, 2007.
- SOFAER, Joanna R. *The body as material culture: a theoretical osteoarchaeology*. Cambridge, UK; New York: Cambridge University Press, p. 188, 2006.
- SØRENSEN, Marie. The construction of gender through appearance. In: WALDE, Dale & WILLOWS, Noreen D. (Eds.). *The archaeology of gender: proceedings of the Twenty-second Annual Conference of the Archaeological Association of the University of Calgary*. Calgary: University of Calgary Archaeological Association, p. 121–129, 1991. SHANKS, Michael & TILLEY, Christopher. Archaeology into the 1990s. *Norwegian Archaeological Review*. S/1, v. 22, p. 1–12, 1989.
- SHANKS, Michael & TILLEY, Christopher. *Re-constructing archaeology: theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 267, 1987.
- SPIER, J (Org.). *Picturing the Bible: The earliest Christian art*. Kimbell Art Museum. Texas, US, 2007.
- WILKEN, R. L. *The First Thousand Years: A Global History of Christianity*. Yale University Press, 2012.

## 6 APÊNDICES

Código: A06

Título: Pães e peixe.

Tema: Ornamentos, símbolos e motivos

ressignificados Subtema: Mc. 6, 35-44; Mt. 14, 15-

21; Lc. 9, 12-17.

Suporte: Parede

Material:

Afrescos

Dimensões: -

Período: Século

III.

Proveniência: Catacumba de São Calisto, Roma.

Descrição iconográfica: Uma cesta com cinco pães posta junto à imagem de um

peixe. Referência: Spier, 2007, cat. 25



Código: A07

Título: O “Bom Pastor”.

Tema: Ornamentos, símbolos e motivos  
ressignificados Subtema: -

Suporte: Parede

Material:

Afrescos

Dimensões: 0.

71 m

Período: Século III (meados)

Proveniência: Catacumbas de São Calisto, Roma

Descrição iconográfica: Um jovem pastor é representado com uma túnica curta, portando uma bolsa pequena e carregando um cordeiro aos ombros, cercado por outros animais. O local tem árvores e lembra um espaço campestre.



Referência: GRABAR, 1966, fig. 28

Código:

A13 Título:

Batismo.

Tema: Cenas de narrativas

bíblicas Subtema: -

Suporte: Parede

Material:

Afrescos

Dimensões: 12.8 x

25.8 cm Período:

Século III.

Proveniência: Catacumba de São Calisto, Roma.

Descrição iconográfica: Cena central de um batismo com água na presença de uma pomba, confeccionada ao lado do homem que batiza; no canto direito, outro homem carrega um objeto que lembra uma maca (a cura do paralítico?); na área esquerda, uma figura humana pesca.

Referência: Spier, 2007, cat. 3C



Código: A14

Título: História de Jonas.

Tema: Cenas de narrativas

bíblicas Subtema: -

Suporte: Parede

Material:

Afrescos

Dimensões: 11,4 x

29,4 cm Período:

Século III.

Proveniência: Catacumba de São Calisto, Roma.

Descrição iconográfica: Jonas à espera de seu destino em Nínive, representado como uma figura masculina nua, deitada em uma pérgola adornada. Dois pássaros nas laterais.

Referência: Spier, 2007, cat. 3A



Código: A18

Título: Refeição eucarística.

Tema: Ornamentos, símbolos e motivos  
ressignificados Subtema: Cena de comensalidade.

Suporte: Parede

Material:

Afrescos

Dimensões: 0.65 x

1.15 m Período:

Século III.

Proveniência: Catacumba de São Calisto, Roma.

Descrição iconográfica: Sete figuras humanas em torno de uma mesa, onde estão  
postas duas bandejas, em situação de comensalidade.

Referência: GRABAR, 1966, fig. 105.

